

# Thomas Mann: A conversão do apolítico

Wander Luiz Demartini Nunes<sup>1</sup>

## Resumo:

o presente trabalho busca refletir sobre o posicionamento e os escritos de Thomas Mann no período da ascensão nazista e da Segunda Guerra Mundial. Cabe ressaltar que o autor havia lançado mão de um posicionamento nacionalista em seus escritos políticos ao longo da Primeira Guerra Mundial, no entanto, o movimento de Hitler o fez aprofundar a reformulação de suas ideias, processo que já havia se iniciado na década de 1920. No texto, busco enfatizar as críticas de Mann ao nazismo e sua atuação como figura de destaque na literatura alemã. Para este fim, analiso seus discursos contra Hitler, que foram transmitidos para a Alemanha através da BBC de Londres no período em que o autor já se encontrava no exílio.

**Palavras-chave:** Thomas Mann; Nazismo; Segunda Guerra Mundial.

## Abstract:

the present work seeks to reflect on the positioning and writings of Thomas Mann in the period of the Nazi rise and the Second World War. It is essential to notice that the author had expressed a nationalist position in his political writings throughout the First World War; however, Hitler's movement deepened the reformulation of Mann's ideas in a process already begun in the 1920s. In the text, I seek to emphasize the author's criticism of the Nazi ideology and analyze his performance as a prominent figure in German literature. The text focuses primarily on the moment of the launching of his speeches against Hitler, which were broadcasted to Germany through the BBC in London in the period when the author was already in exile.

**Keywords:** Thomas Mann; Nazism; Second World War.

---

<sup>1</sup> Wander Luiz Demartini Nunes - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Agência de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo. Correio eletrônico: wander.demartini@gmail.com.

## A República de Weimar e a “conversão” de Thomas Mann

Foi durante os anos da República de Weimar (1919 -1933) que a abordagem de Thomas Mann sobre os rumos que tomava a Europa, sobretudo a Alemanha, adotou um novo tom.<sup>2</sup> Após uma defesa apaixonada da causa alemã nas *Considerações de um apolítico*, em que Mann na verdade abordou várias questões políticas colocando-se pura e simplesmente como um artista e defensor da *Kultur*,<sup>3</sup> o autor fez coro com diversos outros intelectuais que resolveram adotar a causa da república: os republicanos racionais.

Torna-se ainda mais interessante esse posicionamento de Mann, visto que o início da história republicana alemã foi envolto em pessimismo. O antigo apolítico girava na direção oposta a essa nova onda de aversão à política, no momento em que a república, fundada na cidade de Goethe, encarnava o derrotismo e a humilhação que os alemães sofreram com a o fim da Primeira Guerra, que, para o senso comum, não aconteceu no campo de batalha, mas sim devido a uma “punhalada pelas costas”. Sobre as raízes da resistência dos alemães à política, Peter Gay observou que, mesmo com toda a inclinação para o surgimento de clubes, debates, jornais e discussões que eram certamente políticas, predominava uma oposição não a um partido ou a outro, mas à política em si, visto que “a busca da política é um hábito, e como todo hábito, é reforçado pela prática e atrofiado pela falta de uso” (GAY, 1978, p. 86).

Havia então uma enorme dificuldade da República de Weimar não de penetrar no imaginário dos alemães, mas de fazê-lo de uma forma positiva. O sistema era visto pela maioria dos alemães como algo avesso ao sentimento nacional e que, certamente, os lembrava de sua grande rival, a qual era justamente uma república: a França. Citando novamente Peter Gay:

Por sua própria existência, a República de Weimar era uma afronta deliberada aos heróis e clichês que toda a criança alemã conhecia, inúmeros políticos alemães invocavam e, viu-se depois, muitos alemães apreciavam. Na batalha dos símbolos históricos, os republicanos desde o início levaram desvantagem: comparados com Bismarck e outros líderes carismáticos, ao mesmo tempo sobre-humanos e pitorescos, os modelos disponíveis a Weimar eram pálidos e sem inspiração: o Goethe da moderna Weimar era um cosmopolita benigno e ineficaz, repleto de observações memoráveis sobre *Humanität* que todos citavam e ninguém seguia (GAY, 1978, p. 105).

Thomas Mann não se encaixava nesse quadro. Goethe sempre foi claramente uma de suas maiores influências e, por isso, tornou-se mais importante do que nunca para um

---

<sup>2</sup> Esse momento da História alemã emergiu após a derrota na Primeira Guerra Mundial, quando o país enfrentou um momento conturbado, com levantes que puseram fim ao regime do Kaiser Guilherme II. A Alemanha tornou-se uma república também em uma tentativa de romper com seu caráter militarista dos tempos do império, além disso, levou o nome de Weimar devido à sua associação ao poeta Goethe. O período foi marcado pela tentativa de administrar a aguda crise que se abateu sobre o país, a qual ainda deveria lidar com os pesados encargos do Tratado de Versalhes. As crises foram utilizadas por grupos de extrema direita, como os nazistas, para embasar seu discurso contra a República. Após a crise de 1929, a pressão sobre Weimar aumentou ainda mais, o que possibilitou o crescimento do partido de Hitler e sua chegada ao poder em 1933.

<sup>3</sup> Na Alemanha, a palavra *Kultur* era relacionada ao conceito de *Bildung* (busca por uma formação da alma através do ambiente cultural). Dessa forma, a ideia de *Kultur*, que até o século XVIII estava ligada a uma ideia de cultivo da mente e espírito, passou também a indicar uma sintetização das relações do homem civilizado. Já na França, a cultura significava uma cultura do espírito, enquanto a civilização apontava a representava “totalidade das criações e arranjos sociais e intelectuais do homem” (RINGER, 2000, p. 96). Ainda segundo Fritz Ringer, os conceitos de cultura e civilização foram estabelecidos na Alemanha e na França, ao que os intelectuais alemães passaram a enxergar entre os dois uma antítese.

Mann, que via a política como parte imprescindível do humano e do social. Certamente influenciou a conversão de Mann à causa republicana o fato da República de Weimar reivindicar o poeta como um de seus símbolos.

A primeira incursão de Mann a demonstrar que o autor considerava o novo sistema alemão digno de defesa foi *A república alemã* (1923), redigida em homenagem ao aniversário de Gerhart Hauptmann,<sup>4</sup> quando aproveitou também para tratar com a juventude sobre o tema republicano. Esse primeiro discurso já deixava claro quanto o posicionamento do escritor havia se transformado, pois Mann, que outrora celebrava a guerra como redenção, purificação e motivo de esperança, a via a partir de então como uma mentira totalmente vazia de honra. O estilo com o qual havia redigido *Considerações de um apolítico* permanecia, porém em outra frente de combate. Anteriormente, o autor viu na Grande Guerra uma luta da Alemanha, pelo seu direito de ser e existir, uma luta da cultura contra a civilização. O Mann republicano não considerava mais a guerra um meio para defender a cultura, mas sim “o triunfo de tudo o que é brutal e vulgar na alma da raça, como o arqui-inimigo da cultura e do pensamento como a orgia de sangue do egoísmo, a corrupção e a vilania” (MANN, 1945, p. 30).

Thomas Mann, mesmo tendo redigido ensaios como *Pensamentos na Guerra*, coloca a palavra “república” como algo que lhe era familiar desde sua juventude. Certamente Mann já havia tido contato com ideias republicanas, mas a leitura de seus ensaios contemporâneos à Primeira Guerra não deixa dúvidas quanto à sua aversão ao tema, algo que não era uma exclusividade sua, mas sim um sentimento que naquele momento tomava conta de vários outros intelectuais. Entretanto, a partir da República de Weimar, era necessário fazer com que aqueles alemães aceitassem a república, abraçassem-na como seu destino, e acordassem que ela não poderia se tornar um sinônimo do que haviam sofrido em Versalhes. Como destaca o autor, “não é verdade, e deliberadamente repito que é completa e inteiramente mentira que a república, como feito interior (não me refiro à lei pública estabelecida) seja a criação da derrota e a humilhação. É a consequência da honra e exaltação” (MANN, 1945, p. 38-39).

Em seus tempos pré-republicanos (ou até mesmo antirrepublicanos), ao escrever uma carta para Heinrich Mann, Thomas afirmou que um regime sem muita liberdade era salutar e citou o exemplo da Rússia, onde, sob o czarismo, surgiram nomes como os de Tolstói e Dostoiévski. Em *A república alemã*, no entanto, concluiu que um solo republicano teria sido mais fértil para a evolução das ideias de Goethe, Nietzsche e Hölderlin (MANN, 1945, p. 44-45). Thomas Mann sabia da possibilidade de ser considerado um desertor, por sua suposta mudança de opinião, mas ainda se colocava como um conservador e afirmou que suas ideias não poderiam se petrificar. De qualquer forma, sempre considerou suas ideias como partidárias do humanismo e da humanidade (1945, p. 46 – 48). Esse último apontamento torna-se ainda mais crucial se lembrarmos que a democracia vai surgindo cada vez mais comosinônimo de humanidade em seus discursos e na obra política de Thomas Mann:

<sup>4</sup> Gerhart Johann Robert Hauptmann (1862 – 1946), romancista e dramaturgo alemão, recebeu o Nobel de Literatura em 1912.

Estamos honrando a sua forma categórica e legal, cujos propósitos e desígnios são para nós a unificação da nossa vida política e nacional, quando acostumaremos a nossas rígidas e pouco exercitadas línguas a emitir o grito: Viva a República! (1945, p. 73).

Enquanto apelava à razão, Mann não passou indiferente à influência que a crise de 1929 exercia sobre o crescimento do Partido Nacional-Socialista. Não considerava necessário ser um adepto do materialismo para compreender que os sentimentos e a forma de pensar das massas estão interligados à sua condição econômica (MANN, 1945, p. 76). Nesse discurso, o Tratado de Versalhes também era criticado e a razão certamente deveria estar presente para corrigir os exageros de suas cláusulas. Podemos perceber que a estratégia de Thomas Mann nessa fase voltava-se para a esperança de que os países vitoriosos percebessem que as sementes do extremismo alemão eram adubadas com suas posturas intransigentes contra a Alemanha, e de que vislumbrassem na República de Weimar uma aliada, pois estava nela a chance de a Europa escapar de um novo conflito em curto prazo.

Ao analisar o resultado as eleições de 14 de setembro de 1930, quando os nazistas receberam uma expressiva votação, Thomas Mann considerou o resultado muito mais como um voto de protesto. Peter Gay afirmou que a própria escolha de Weimar teria sido um reconhecimento da existência de duas Alemanhas: uma militarista e outra da poesia e da filosofia (GAY, 1978, p. 15). Para Thomas Mann o nazismo misturava-se então com a onda de barbarismo fora do comum, vivendo de turbulências que excitavam e intoxicavam aqueles a quem tocava (MANN, 1945, p. 85). Mais importante ainda é perceber que, em sua fala, o mesmo Mann que, em *Considerações de um apolítico*, fizera uma cruzada da cultura contra a civilização, em 1930 afirmou que:

O fantástico desenvolvimento, os triunfos e catástrofes do nosso progresso técnico, nossos sensacionais recordes esportivos, os enormes soldos das “estrelas” e a adoração que a elas se rende, os pugilatos nos quais se recolhem milhões de marcos e as hordas de espectadores, todas estas coisas formam o quadro da época, junto com a decadência e a desapareição dos austeros conceitos característicos da civilização, tais como a cultura, o espírito, a arte e as ideias. (MANN, 1945, p. 85).

Não restam dúvidas de que a conversão de Thomas Mann ocorreu durante a República de Weimar, ou mesmo antes, no fim da Primeira Guerra, quando percebeu o que a derrota alemã causaria, levando a uma subversão dos ideais que ele próprio havia defendido de forma tão veemente. Jeff Herf ressaltou que não foram todos os revolucionários conservadores que se converteram ao nacional-socialismo, porém Thomas Mann não figurou nem mesmo dentre esses, visto que deve ser enquadrado na lista dos republicanos racionais, mesmo com a similaridade entre o que defendeu durante a Primeira Guerra e algumas das ideias nazistas, como a clássica oposição entre cultura e civilização. Enquanto Thomas Mann já enxergava a república e a democracia como parte e expressão do humanismo, os revolucionários conservadores permaneciam nesse embate.

A oposição essencial que o nacionalismo dos revolucionários conservadores fazia era aquela entre *Kultur* e *Zivilization*. De um lado se situava o *Volk* como comunidade de sangue, raça e tradição cultural. Do outro estava a ameaça do *Amerikanismus*, do liberalismo, do comércio, do materialismo, do parlamento e dos partidos políticos, e da República de Weimar. O nacionalismo servia como uma religião secular que prometia uma alternativa a um mundo que sofria de excesso de racionalização capitalista e comunista. Os nacionalistas alemães elevavam a situação geográfica da Alemanha entre Leste e Oeste a uma identidade cultural-política

também. A *Kulturnation* iria escapar aos dilemas de uma modernidade cada vez mais sem alma (HERF, 1993, p. 49).

Em 1933 morreu a República de Weimar. Mesmo assim sua cultura continuou a se propagar. Como Peter Gay demonstrou, a cultura de Weimar extrapolou o período de 1919 a 1933 (GAY, 1978, p. 11), pois do exílio continuava a fazer um contraponto ao nacional-socialismo. Foi também a partir de 1933 que se iniciou o exílio de Thomas Mann. Seu apelo à razão seria voltado para as potências democráticas, quando Mann já procurava alertá-las para que não se repetisse o que já havia ocorrido na Alemanha. Foi distante de sua terra natal que compôs não apenas mais uma obra prima da literatura, *Doutor Fausto*, mas também foi quando tornou-se um dos maiores baluartes nos meios artísticos e intelectuais contra o nazismo. Peter Gay afirmou, ao demonstrar a importância que a distância da pátria teve na vida de grandes pensadores, que:

O exilado ocupa um lugar de honra na história da civilização Ocidental. Dante, Grotius, Bayle, Rousseau, Heine e Marx, realizaram suas maiores obras quando em residência forçada em solo estrangeiro, olhando com ódio e saudade para o seu próprio país, que ficara para trás e que os havia rejeitado (GAY, 1978, p. 11).

### Thomas Mann como arauto da tragédia e o início do III Reich

84

Com a chegada do nazismo ao poder em 1933, começa uma nova fase na saga do antigo apolítico, que agora já possuía um posicionamento bastante distinto daqueles de outra época, quando a guerra foi celebrada pelos alemães, inclusive por ele próprio. Diante disso, não houve, obviamente, uma convergência entre os discursos de Mann e os ideais do nazismo. Ao buscarmos diferenças entre o tipo de discurso nacionalista de Thomas Mann durante a Grande Guerra e o discurso que Hitler apregoava, é impossível deixar de notar, por exemplo, a ideia que o líder do nacional-socialismo tinha de cultura e civilização. Como afirmou, “quando um burguês se perde em seus sonhos e só fala de cultura, civilização e pacificação mundial estética, então lhe digo: você está perdido para a nação alemã! Seu lugar é nos bairros a oeste de Berlim! Vá dançar suas danças negras e morrer!” (HITLER apud FEST, 1981, p. 366).

Em 1935, buscando advertir o restante do continente, Thomas Mann redigiu o ensaio cujo nome já evidenciava sua preocupação: *Atenção, Europa!* (1935). Se antes um conflito iria, em sua visão, tornar possível perceber toda a beleza da Alemanha, além de purificação e glória, tudo o que a guerra do *III Reich* faria era “uma catástrofe esmagadora, a derrubada da civilização” (MANN, 1945, p. 116). A derrubada da civilização não teria sido nenhum problema para o Thomas Mann que escrevia *Pensamentos na Guerra*. Em *Atenção, Europa!*, porém, mais uma vez a questão do humanismo europeu transparecia como fundamental para quando o nacional-socialismo fosse extinto, e até mesmo como caminho para superá-lo, ou então o futuro que aguardava a Europa guardaria desta apenas o nome.

Em todo humanismo existe um elemento de debilidade que, em certas circunstâncias, pode ser a causa de sua ruína, unido ao seu desprezo pelo fanatismo, sua paciência e seu apego ao ceticismo; em resumo, sua bondade natural. O que se necessita hoje é um humanismo militante,

consciente de sua virilidade e inspirado pela convicção de que os princípios de liberdade, tolerância e escrúpulos sinceros não serão explorados nem destruídos por uns fanáticos que, por sua parte, não tem sombra de tolerância nem escrúpulos. Se o plano de um humanismo europeu não pode nascer de novo no meio da luta, se a alma do humanismo não pode captar novamente a sua juventude militante, então será destruído; e nascerá uma Europa da que só se conservará o nome, e contra a qual seria melhor buscar refúgio mais além do espaço e mais além do tempo (MANN, 1945, p. 117).

Enquanto líderes europeus chegaram a considerar Hitler uma espécie de dique capaz de conter o avanço do bolchevismo, Mann angustiava-se com a marcha dos eventos. Com a eclosão da Guerra civil espanhola, tratou do episódio em um ensaio: *Estou com o povo espanhol* (1936), no qual demonstrou perceber que os socialistas eram aqueles que lutavam contra a verdadeira ameaça à humanidade: o fascismo. Nessas questões, Mann falava com a autoridade daqueles que já haviam sentido na pele, e em seu próprio país, os efeitos de um movimento de extrema direita. Era dessa forma que concluía acerca do conflito: “pode não estar claro o que quer o povo espanhol. Mas o que não quer está suficientemente claro: o general Franco” (1945, p. 122).

Em outro ensaio, *Massa e Valor* (1936), Thomas Mann observou que um dos erros que permitiu ao nacional-socialismo subverter o espírito alemão estava em uma postura que já havia sido a sua. Mais uma vez o isolamento da política estava em pauta. O erro, para o ensaísta, estava presente na crença dos alemães na possibilidade de separar cultura e política. Como destaca Mann, “Ser um amante da cultura e isolar-se da política, tem causado grandes danos à Alemanha” (1945, p. 133).

Já em seu exílio, ao passo que recrudescia suas falas contra o regime de Hitler, Mann acabou por perder a nacionalidade alemã e seus livros não escaparam das fogueiras nacional-socialistas. Outro “efeito colateral” de sua oposição, foi a perda do título de doutor honorário concedido pela Universidade de Bonn. A carta em resposta ao reitor foi praticamente um manifesto contra a então condição das universidades alemãs. Foi uma afirmação de que estas estariam maculando seus nomes ao compactuarem com o regime (MANN, 1945, p. 145), assim como um conselho para que os alemães tomassem cuidado para não serem confundidos com os nazistas (1945, p. 149 - 150). Desse modo, não era mais a guerra um caminho ou uma aventura em que os alemães defendiam-se de seus vizinhos franceses, que outrora foram acusados por Thomas Mann de se comportarem de maneira feminina para comover o mundo contra os alemães. Em 1936, o escritor via, em uma possível guerra, um sinal de maldição. Nas palavras de Mann, “desgraçado do povo que, não sabendo qual caminho seguir, termina optando pelo caminho abominável da guerra, odiada por Deus e os homens” (1945, p. 151).

A democracia e a política não eram mais uma forma de corromper a arte, mas o caminho para salvar a alma alemã da corrupção que era o nazismo. Tal corrupção havia tomado conta daquilo que permaneceu na Alemanha, mas não necessariamente do *Geist* alemão. Quando Thomas Mann compôs *A próxima vitória da democracia*, ensaio no qual previu o embate inevitável que teria como consequência uma imposição da democracia norte-americana, percebeu que o discurso dos regimes fascistas, de agirem com a história embaixo do braço e de serem capazes de tudo realizar, passava pela imposição e pela força.

Para o autor, porém, uma vez “subjugado o corpo pelo terror, pode subjugar o pensamento, porquanto o homem não pode viver uma vida dupla; para viver em harmonia consigo mesmo, adapta seus pensamentos à forma de vida que a força lhe impõe” (MANN, 1945, p. 161). Nesse trecho do discurso de Mann, é possível notar sua percepção do que era um regime totalitário, como Hannah Arendt discorreu em *Origens do Estado totalitário*, e o modelo de homem que os nazistas ansiavam por produzir, inebriados por um sentimento comum, ao que a autora chamou de geração de vanguarda, para os quais:

a violência, o poder e a crueldade eram as supremas aptidões do homem que havia perdido definitivamente o seu lugar no universo e era demasiado orgulhoso para desejar uma teoria de força que o trouxesse de volta e o reintegrasse no mundo. Contentava-se em participar cegamente de qualquer coisa que a sociedade respeitável houvesse banido, independentemente de teoria e conteúdo, e promovia a crueldade à categoria de virtude maior porque contradizia a hipocrisia humanitária e liberal da sociedade (ARENDR, 2012, p. 462).

Thomas Mann acreditava que, para tratar com a o regime de Hitler, aqueles que defendiam a liberdade não deveriam valer-se apenas da paz, mas era necessário que a liberdade também se defendesse, pois, o nacional-socialismo aproveitava-se dessa atitude: “A liberdade deve descobrir a sua virilidade. Tem que aprender a andar com couraça e defender-se contra seus inimigos mortais” (MANN, 1945, p. 195). Nesse caso, sua fala parece voltada agora para os Estados Unidos, uma vez que os ingleses e franceses pecavam com sua política do apaziguamento ao acreditarem ser possível contornar um confronto com Hitler por meio de concessões. Para o autor, estes haviam sido muito benevolentes com os nazistas, enquanto, anos antes, sua intransigência havia colaborado para arruinar a República de Weimar, que verdadeiramente poderia ter evitado uma guerra que se tornava cada vez mais próxima. A devolução do Sarre<sup>5</sup> a Hitler foi, segundo Mann, algo muito menos natural do que se o houvessem entregado a uma república alemã (MANN, 1945, p. 224).

Quando então a *Blitzkrieg*<sup>6</sup> recaiu sobre a Polônia, França e Inglaterra fizeram o que Thomas Mann esperava desde o início de seu exílio. Se antes o tom de seu discurso era de críticas aos ingleses, agora o ensaio *Esta Guerra* (1939) teceu vários elogios à Inglaterra. Mann parecia não acreditar que o povo alemão tivesse conhecimento das atrocidades que estavam sendo cometidas em seu nome. Porém, internamente na Alemanha, parecia que o tempo da redenção, esperado desde o fim da Primeira Guerra, após as humilhações de Versalhes, havia chegado. A anexação de povos germânicos e a promessa da conquista do Espaço Vital,<sup>7</sup> mais do que nunca, estavam prestes a serem cumpridas. Thomas Mann viu nesse sentimento de honra maculada dos alemães o que tornou o nazismo possível, era nesse sentido que seu discurso se direcionava:

Quem pode fazer o povo alemão compreender que eles nunca perderam sua honra? Que uma quadrilha de rufiões os tem persuadido do contrário com a finalidade de obter seu domínio

<sup>5</sup> *Saarland* em Alemão. Região próxima à fronteira da Alemanha com a França, rica em carvão, foi ocupada após o fim da Primeira Guerra Mundial com o intuito de cumprir com indenizações de guerra. Após a realização de um plebiscito, o território foi devolvido aos alemães.

<sup>6</sup> Guerra Relâmpago. Foi uma estratégia utilizada pelos nazistas, que consistia principalmente em bombardeios rápidos e intensos, com a intenção de surpreender os inimigos, proporcionou vitórias avassaladoras aos alemães, principalmente no início da Segunda Guerra Mundial.

<sup>7</sup> *Lebensraum* em alemão. Tal conceito foi criado no século XIX pelo geógrafo Friedrich Ratzel, tornando-se popular após a unificação da Alemanha. Os nazistas inspiravam-se em tal ideia para justificar seu expansionismo, sobretudo no Leste europeu, afirmando a necessidade de expandir seu território para um pleno desenvolvimento do povo alemão.

sobre eles, e tem empregado o pretexto da honra perdida para transformá-los em criminosos e assassinos? (MANN, 1945, p. 257).

Thomas Mann nunca renegou seus escritos pré-republicanos, mas em diversos momentos é possível perceber que próprio escritor fazia referência à sua mudança de posicionamento. No ensaio *A Cultura e a Política* (1939), Mann fez longas ponderações sobre *Considerações de um apolítico* e comentou a sua conversão, referindo-se inclusive ao alemão antidemocrático como um ignorante (MANN, 1945, p. 301). Esse ensaio é um dos mais reveladores de sua mudança, porque o próprio autor tratou de seu ponto de vista anterior, divergente do formato pelo qual observava os acontecimentos em 1939: “Defini a democracia como o exercício político do intelecto e a combati com todas as minhas forças, em nome da cultura, e até mesmo em nome da liberdade” (1945, p. 291). Segundo concluiu, era essa postura fruto de sua tradição intelectual, e ele confessa que entendia pouco do conceito de liberdade. Além disso, o assunto pouco o interessava. Mann via na sua obra uma espécie de autoexame e que resumia todos seus “valores tradicionais, que eram intelectuais, burgueses, alemães e apolíticos” (1945, p. 292). Dessa forma, a política esteve inicialmente fora do que realmente importava a um artista como Thomas Mann, a política não fazia parte da cultura; assim como para muitos na Alemanha, e não apenas intelectuais, não fazia parte da tradição germânica, forjada principalmente a partir do militarismo prussiano.

É possível também questionar se aquilo que Thomas Mann escreveu e pensou durante a Primeira Guerra, na verdade, não divergia, apesar das várias similaridades com o que os grupos de extrema direita apregoavam, desses discursos rancorosos que nasceram no país após a derrota na Primeira Guerra Mundial. Dentre os vários fatores que tornaram o nacional-socialismo possível, consta a aversão à política, visão defendida por Mann nas *Considerações*, mas em relação à qual o próprio autor concordou que houve uma mudança em seu pensamento, fruto de um autoexame: “Mas o autoexame, se é bastante completo, é quase sempre o primeiro passo para uma mudança. Descobri que ninguém que aprende a conhecer-se a si mesmo segue sendo o que era antes” (MANN, 1945, p. 292). Para afastar sua obra da aproximação com o ideário nazista, o autor fala ainda que o livro era fruto de transtornos externos e que finalmente havia percebido que não existe linha divisória entre o intelecto e o político. Essa divisão não era um erro apenas de intelectuais como ele, mas também da própria burguesia alemã, que, se antes acreditava defender a cultura enquanto criticava a política, agora via que aquela não estaria segura enquanto os alemães não absorvessem esta. Como Mann reconheceu: “a burguesia alemã havia se equivocado ao acreditar que um homem culto poderia permanecer fora da política” (1945, p. 292). Mann sentia-se grato e aliviado pelo sentimento democrático que tomou conta de seu posicionamento, pois era tal sentimento que, segundo o escritor, o afastou dos movimentos de extrema direita.

Pois, aonde estaria hoje, se, com um espírito conservador, eu teria aderido a uma Alemanha a qual sua música e seu intelectualismo não têm impedido entregar-se à forma mais vil de adoração do poder, nem a um barbarismo que sacode as fundações de nossa civilização ocidental? (MANN, 1945, p. 293).

Nesse ponto, Thomas Mann delineou uma ideia que este trabalho busca entender. Sua conversão à causa democrática o “salvou” de ter guinado em direção a movimentos como o nacional-socialista. Sua sensibilidade de artista o levou a perceber, juntamente

com a desilusão de 1918, o futuro obscuro que aguardava a Alemanha caso algumas de suas tradições fossem deturpadas pelo rancor e pelo revanchismo. Tal previsão teria se comprovado em 1933 com a chegada de Adolf Hitler ao poder e se reafirmado com a guerra em 1939, quando mais uma vez Mann criticou a postura apolítica dos alemães:

O infortunado curso da história alemã, que tem desembocado na catástrofe cultural do nacional-socialismo, está na realidade muito ligado a este aspecto apolítico do espírito burguês, e a seu costume antidemocrático de olhar para baixo com desprezo, desde seus cumes intelectuais, até à esfera da ação política e social (MANN, 1945, p. 293).

Para Thomas Mann, a Segunda Guerra Mundial era, na verdade, uma espécie de guerra civil, a qual estaria condenando a era dos Estados nacionais e das culturas nacionais a uma dissolução (MANN, 1945, p. 310). Novamente, o autor afastou-se ainda mais de suas *Considerações de um apolítico*, pois ele, que já havia demonstrado até mesmo alguma simpatia pelo socialismo, passava a elogiar a ideia de liberdade e igualdade, consideradas sinônimas, enquanto de novo culpava o nacionalismo burguês pela gênese do nazismo (MANN, 1945, p. 316 – 318). Além de tais questões e da aversão de muitos alemães à política como fatores que possibilitaram o surgimento do movimento hitlerista, Thomas Mann tratou de algo que lhe era caro e fazia parte de sua tradição intelectual: o romantismo alemão. Hitler, segundo Mann, apropriou-se do romantismo, o explorou e o utilizou para transformar os alemães em inimigos da humanidade. Era o nazismo pervertendo mais uma vez algo valoroso à cultura alemã: “o que nós chamamos nacional-socialismo é uma perversão venenosa de determinadas ideias que tem uma larga história na vida intelectual alemã (...) se chamava ‘o movimento romântico’” (MANN, 1945, p. 321). A Alemanha não estava presente, na vida de Mann, na forma do seu antigo espaço físico de Estado nacional, mas, na medida em que os valores alemães eram perdidos para o nazismo, Thomas Mann considerava-se cada vez mais um reservatório da verdadeira cultura de sua pátria, que sobrevivia com ele no exílio.

88

### **Um novo front na guerra de Thomas Mann: *Ouvintes alemães! Discursos contra Hitler* (1940 – 1945)**

Como figura proeminente dentre os emigrados da intelectualidade alemã, na qual figuravam nomes como o de seu próprio irmão, Heinrich Mann, Thomas Mann circulava pelos Estados Unidos proferindo discursos e palestras, que tratavam mais do que nunca da situação em que se encontrava sua pátria. Havia perdido o título de doutor da Universidade de Bonn, quando lhe foi retirada sua cidadania alemã, mas honrarias e títulos não lhe faltaram nos países por onde passou. Devido a essa grande influência no exterior, somada ao fato de ser um grande nome da literatura de seu país, além do engajamento no combate ao nacional-socialismo que demonstrava até então, Thomas Mann foi convidado pela BBC para redigir discursos, que a princípio eram lidos por outros em transmissões para a Alemanha nazista. Posteriormente, a própria voz do escritor era gravada e transmitida a seus compatriotas, dessa forma buscavam romper a censura do regime nazista: “sei muito bem que, após esses oito narcotizantes anos, vocês quase não podem imaginar a Alemanha sem o

nacional-socialismo” (MANN, 2009, p. 47). Para Hannah Arendt, inclusive, tal isolamento da realidade iniciou-se muito antes:

A força da propaganda totalitária – antes que os movimentos façam cair cortinas de ferro para evitar que alguém perturbe, com a mais leve realidade, a horripilante quietude de um mundo completamente imaginário – reside na sua capacidade de isolar as massas do mundo real (ARENDR, 2012, p. 488).

Tratava-se de uma oportunidade única para voltar a ter algum contato com sua pátria. Mann exultava em saber que novamente sua voz ecoava pela Alemanha e era ouvida por seu povo, além da expectativa de que seus discursos poderiam de alguma forma atingir seus inimigos nazistas. Tais mensagens radiofônicas foram motivo de satisfação e esperança para Thomas Mann. Ao longo do tempo em que o autor de *Os Buddenbrook* direcionou seus discursos aos alemães, é perceptível o anseio de que sua pátria fosse protagonista em livrar o mundo do nacional-socialismo.

Temáticas como democracia, nacionalismo, cultura e civilização (não mais como conceitos antagônicos), continuaram direcionando os argumentos de seus *Discursos contra Hitler*. Como não discursava em uma palestra dentro de uma universidade ou escrevia para um público mais acostumado com obras eruditas da literatura alemã, Thomas Mann ampliou sua ironia e o uso de palavras mais agressivas contra o *Führer*, provavelmente na esperança de ter suas transmissões contempladas por um amplo público, maior ainda do que aquele que havia lido *A Montanha Mágica* ou *Os Buddenbrook*. “Patife obscuro”, “mastim enfurecido” ou “miserável vigarista” eram algumas referências que Mann fazia a Adolf Hitler. Quando soube que o ditador havia feito referência a ele, o autor afirmou: “Dessa boca já saiu tanta porcaria que me causa uma ligeira sensação de náusea ouvir meu nome sair daí” (MANN, 2009, p. 9). É importante ressaltar que os discursos de Mann começaram a ser transmitidos aos alemães ainda no início da Guerra, em 1940, ou seja, um momento de grandes triunfos para o *III Reich*. Ao fim da guerra, todavia, enquanto Berlim era conquistada pelos Aliados, Mann buscou silenciar, e as transmissões tornaram-se mais espaçadas, pois era certo que não desejava sua voz ressoando como um sino que saudava a capitulação da Alemanha, por mais que desejasse a vitória dos Aliados.

Os discursos transmitidos pela BBC foram a forma mais direta de relação do escritor com o seu povo durante todo o período de exílio. Por esse fato, além do estilo mais aberto em que sua oratória era desenvolvida, Mann falou de uma forma muito mais direta também a respeito do que esperava da Alemanha, da Europa e do mundo após o fim do novo conflito mundial, assim como sobre o que a humanidade deveria aprender com ele:

E o que deve ser o desfecho dessa guerra é algo claro. É o começo da unificação do mundo; a realização de um novo equilíbrio entre liberdade e igualdade; a defesa dos valores individuais nos limites das exigências da vida coletiva; o desmantelamento da soberania dos Estados Nacionais e a instauração de uma sociedade de povos mais livre, porém mais responsável em relação ao todo, com direitos e deveres iguais. Os povos estão maduros para uma nova ordem mundial. Se vinte e dois anos atrás eles ainda não estavam, as experiências das últimas décadas os deixarem maduros para tanto. (MANN, 2009, p. 20 - 21).

O próprio Thomas Mann pode ser incluído no que escreveu nas últimas linhas do parágrafo acima, uma vez que seu amadurecimento o levou claramente a ser não apenas

um opositor do nacional-socialismo, mas também um defensor da democracia. Para tanto, contribuíram a experiência vivida nos Estados Unidos e sua admiração por Franklin Delano Roosevelt, expressa em diversas passagens dos discursos. Mann apontou a permanência de Roosevelt na presidência como um fator decisivo para os rumos da guerra, sobre o que afirmou, em junho de 1941: “a verdadeira voz dos Estados Unidos é a do presidente Roosevelt, cuja reeleição pelo povo americano como líder do país para os próximos anos foi provavelmente o acontecimento decisivo desta guerra” (MANN, 2009, p. 43). O mesmo autor que exultava em nacionalismo alemão durante a Primeira Guerra, converteu-se em um crítico desse conceito e, mais que isso, considerava o nacionalismo alemão o mais perigoso de todos por possuir um “misticismo tecnicizado” (2009, p. 50).

Em um ensaio onde descreveu o que acreditava ser possível ocorrer ao pastor Niemöller<sup>8</sup>, percebemos a ideia que possuía desses lugares ainda em 1941. Além disso, Mann, em tom de alerta, repassa aos alemães os relatos que lhe chegaram da Holanda, citando o fato de centenas de famílias judias serem deportadas, enquanto que, em Amsterdam, o luto predominava devido às mortes terríveis (MANN, 2009, p. 71). A princípio, Mann afirmou que eram quatrocentos jovens, mas posteriormente corrigiu-se ao tomar conhecimento da estatística divulgada pelo governo holandês: “Agora ouvi indiretamente da Holanda que o número que dei era quase a metade do real. Foram cerca de 800 homens detidos então, levados para Mauthausen e lá executados com gás” (MANN, 2009, p. 92). Thomas Mann também percebeu como tudo o que ocorria com essas execuções nos territórios ocupados fazia parte de um quadro absurdo e, portanto, reconheceu a dificuldade que um sobrevivente encontraria para receber créditos quando fizesse seus relatos. Nas palavras do próprio autor, “repito: a história soa incrível, e por toda parte no mundo muitos vão se recusar a acreditar nela” (MANN, 2009, p. 71). Essa parte dos discursos de Thomas Mann converge para o que Hannah Arendt tratou em *Origens do totalitarismo*:

Qualquer pessoa que fale ou escreva sobre campos de concentração é tida como suspeita; e se o autor do relato voltou resolutamente ao mundo dos vivos, ele mesmo é vítima de dúvidas quanto à sua própria veracidade, como se pudesse haver confundido um pesadelo com a realidade (ARENDR, 2012, p. 583).

Mais adiante, no último ano da Guerra, quando vários palcos de horrores nazistas já estavam em territórios dominados pelos aliados, Mann buscou romper o isolamento daqueles que ainda permaneciam na parte da Alemanha dominada pelo nacional-socialismo. O escritor procurou realizar um relato minucioso, por isso destacou que tudo aquilo o que citava era fruto da precisão alemã empregada pelos nazistas. Em meio a tal relato, Thomas Mann trata, inclusive, dos corpos pulverizados transformados em adubo para o solo alemão que o exército ainda defendia contra uma possível profanação dos Aliados (MANN, 2009, p. 192). Assim, deixa claro que não eram esses últimos os que haviam conspurcado a Alemanha, mas sempre o regime de Hitler. Ao descrever o campo de Maidanek, na Polônia, o autor comentou que:

Lá existe um grande prédio de pedra com uma chaminé de fábrica, o maior crematório do mundo. Seu pessoal bem que gostaria de tê-lo destruído completamente assim que os russos

<sup>8</sup> Martin Niemöller (1892 – 1984) foi um pastor luterano, autor do poema “E não sobrou ninguém”. Fez oposição ao regime nazista e foi perseguido pela Gestapo.

chegaram, mas em sua maior parte ele *está* lá, um monumento, o monumento do Terceiro Reich. Mais de meio milhão de europeus, homens, mulheres e crianças, foram envenenados com cloro e depois queimados, 1.400 por dia. A fábrica da morte funcionava dia e noite; suas chaminés nunca deixavam de soltar fumaça. Seus delegados viram os campos de Auschwitz e Birkenau. Viram o que nenhum ser humano com sentimentos pode acreditar se não vir com os próprios olhos: ossos humanos, barris de cal, encanamentos de gás e crematórios; além disso, as pilhas de roupas e sapatos tirados das vítimas, muitos sapatos pequenos, sapatos de criança, se é que vocês, compatriotas alemães, e vocês, mulheres alemãs, querem continuar ouvindo (MANN, 2009, p. 192).

Em seus *Discursos contra Hitler*, Thomas Mann retorna constantemente à questão da linha tênue – considerando-se o grau de envolvimento da população na guerra – entre o povo alemão e o nazismo. Em uma das mensagens, Mann exortou aos alemães: “Vocês deveriam provar aquilo que o mundo ainda se esforça para acreditar, que o nacional-socialismo e a Alemanha não são uma e a mesma coisa” (MANN, 2009, p. 52). Como tal fonte é uma compilação de discursos que não foram compostos de uma forma linear e mais compacta, o humor de Mann e suas expectativas variaram bastante também de acordo com o desenrolar do conflito. Em diversos momentos, todavia, permaneceu na tentativa de desgarrar os alemães do nacional-socialismo. Nesse movimento, buscou demonstrar como era importante para o futuro da Alemanha que a libertação partisse de dentro: “Só se vocês mesmos se libertarem terão direito a participar da ordem mundial justa e livre que está por vir” (2009, p. 53).

A oscilação sobre as diferenças entre Alemanha e nazismo surgia de maneira mais pessimista em outros momentos de seus discursos, como quando, em 1940, Mann afirmou enxergar nos alemães um povo que estava a cobrir o mundo de trevas e seguia seus aliciadores (2009, p. 21); ou quando, alguns anos depois, em outubro de 1943, momento em que os triunfos da Alemanha na guerra já não eram mais tão comuns e os efeitos da Batalha de Stalingrado já eram sentidos, Thomas Mann lamentava o fato da fidelidade dos alemães ao nacional-socialismo ainda perdurar e confirmava suas previsões:

Vingança e pagamento? Aí estão eles. O povo alemão está sofrendo a vingança por sua loucura e embriaguez; ele tem de pagar porque acreditou ter o direito à violência, crença que foi inculcada por professores infames, e infelizmente o pagamento está só começando (MANN, 2009, p. 156).

Nessa perspectiva, é possível sintetizar que a esperança de Thomas Mann, ou pelo menos para o que tentava contribuir com seus discursos, era que os alemães derrubassem Adolf Hitler antes dos Aliados. Encorajava uma revolução, mesmo sabendo do preço de sangue que deveria ser pago por isso e, quando seguia nessa linha, o exemplo russo era exaltado em suas falas. Enquanto o que ocorreu na Alemanha em 1933 havia sido uma falsa revolução, na Rússia o que sustentava a resistência contra os nazistas seria a essência de uma revolução verdadeira (MANN, 2009, p. 87). Era o exemplo da Rússia o qual deveria ser seguido na derrubada do tirano e, como o país de Lênin, a Alemanha também deveria ter o seu Domingo Sangrento.

Se o povo fosse para as ruas unanimemente e gritasse “abaixo a guerra e a violação dos povos, abaixo Hitler e toda sua corja, liberdade, justiça e paz para nós e para todos!”, os nazistas reconheceriam que perderam o jogo – eles poderiam atirar, naturalmente, mas um regime de aventureiros que tem de atirar no povo está no fim, e a rebelião dos alemães não irá custar mais sangue de vocês do que aquele derramado na Rússia (MANN, 2009, p. 87-88).

Enquanto isso, os nazistas agarravam-se à ideia de que em algum momento as dicotomias entre a União Soviética e as potências ocidentais levariam ao fim da aliança, e que a Alemanha seria poupada para se converter mais uma vez no baluarte que defenderia a Europa dos bolcheviques. Thomas Mann procurou não deixar esperanças aos alemães. Em seus discursos, não lhe restava dúvida alguma de que uma revolução pudesse ocorrer. Porém, ao tocar nessa temática, sua fala beirava a ingenuidade:

E a revolução russa está ligada por acordos históricos, de longo prazo, de livre vontade, à democracia anglo-saxã – que, também rejuvenescida por uma revolução, despertou para suas obrigações sociais –, ligada a ela em uma batalha da qual Hitler, com sua diabólica imundície de ‘Nova Ordem’, nunca poderá sair vitorioso (MANN, 2009, p. 97).

### Considerações Finais

92 Thomas Mann considerava o regime nacional-socialista um Midas ao avesso (MANN, 2009, p. 100), pois em vez transformar tudo o que tocava em ouro, pervertia e corrompia termos que eram valiosos, como romantismo e Europa, além de termos que passou a defender depois, por circunstância da Guerra, como socialismo. Mas foi a apropriação do termo nacionalismo que representou um golpe no que essa palavra significava na formação do próprio autor. Durante toda a análise do que Thomas Mann defendeu ao longo da Primeira Guerra Mundial e do seu tipo de nacionalismo, vemos algo do que os nazistas poderiam ter se apoderado. Se vistas de maneira mais cuidadosa, porém, as ideias sobre o conceito de nacionalismo de Mann e dos nazistas mostram divergências. O que Mann defendia eram ideias provenientes de um mundo da *Kultur*, o qual acreditava ameaçado, assim como toda forma do ser alemão, que incluía a aversão geral de seu povo à democracia e à política. O autor enxergava o país encurralado mais uma vez, cercado por vizinhos que não se conformavam com a prosperidade do *Reich* alemão. Mas, com o fim da Primeira Guerra Mundial e consequentemente a derrota da Alemanha, sua análise da conjuntura tumultuada o levou a perceber como tais ideias eram nocivas. Por fim, enxergou os malefícios que o fanatismo nacionalista havia causado, além de ser um terreno fértil para o surgimento de coisas piores, tal como o nacional-socialismo. Foi ao compreender tais perigos que Mann se distanciou, mesmo sem renegá-las diretamente, das suas ideias do período da Grande Guerra, abraçando a causa republicana e democrática, tanto na defesa da República de Weimar, quanto em seus apelos para que o restante do mundo percebesse o que ocorria na Alemanha e seus riscos para a humanidade.

Mann também considerou que Hitler e seus partidários aproveitaram-se de todos esses fatores, nacionalismo, crise econômica, derrota na Primeira Guerra, para atingirem seus objetivos de hegemonia mundial. Entendeu que o nazismo era guerra e sempre dizia em seus discursos que uma paz com Hitler era impossível. Como demonstrou Joachim Fest, os planos de Hitler passavam justamente por isto, no fim das contas: dominar o mundo, mas não necessariamente para o povo alemão. Enquanto Mussolini evocava o passado glorioso do Império Romano, Hitler recorria à história para suscitar o rancor, concentrando-se nos episódios mais recentes, até mesmo pela maneira como pautou a história alemã.

Hitler era obrigado a recorrer a esse modo de negação da história no mínimo porque não admirava nenhum período da História Alemã. Seu mundo ideal era o da Antiguidade, Atenas, Esparta (“o mais claro exemplo de Estado racista da História”), o Império Romano. Sempre se sentiu mais perto de César ou de Augusto que de Arminius. Eram eles e não os habitantes incultos das florestas germânicas que ele contava entre “os espíritos sublimes... de todos os tempos” que ele queria “encontrar no Olimpo onde logo vai entrar”. A decadência dos antigos impérios nunca deixou de preocupá-lo: “Penso muitas vezes nos motivos por que o mundo antigo desapareceu”. Aliás zombava abertamente das tentativas sectárias de Himmler para dar vida a algumas comemorações pagãs ou crenças de épocas pastorais. Respondia com sarcasmos a esse folclore germânico baseado na utilização de ervas medicinais e declarava “ter pouca simpatia por essas coisas”: “Quando nossos ancestrais fabricavam tigelas de pedra e vasos de argila a que nossos especialistas da História dão tanta importância, construía-se na Grécia a Acrópole” (FEST, 1981, p. 638).

O nacionalismo de Thomas Mann não se transformou em algo diferente pelo toque do Midas ao avesso, mas desapareceu com o advento do nacional-socialismo, como parte de sua decepção com o país que permitiu a Adolf Hitler tornar-se seu *Führer*, pelo menos foi o que afirmou em um de seus discursos: “pois eu não sou nacionalista, quer vocês perdoem isso ou não” (MANN, 2009, p. 220). Ao falar da sua ideia de nacionalismo, provavelmente a ideia que possuía desse conceito também durante a Primeira Guerra, Mann utilizou o termo patriotismo, que, quando foi tocado pelo nazismo, perdeu todo o seu encanto:

Não era o *amor à pátria* um belo, natural e bom sentimento – o amor às tradições, à cultura, à língua do povo no seio do qual se nasce –, um amor que se dá tão bem com a simpatia e admiração por outras variações do humano, pelo charme intelectual e pelas contribuições culturais de outras nacionalidades? O que esse avesso de Midas, o nacional-socialismo, fez do ouro do patriotismo? Ora, sujeira, naturalmente. Arrogância estúpida, furiosa insolência racial, autoendeusamento maníaco e assassino, ódio, violência e loucura, foi nisso que ele transformou o amor à pátria. E sobre a completa infâmia, sobre a mais insensata degeneração do nacionalismo alemão ele quer construir a “Nova Ordem”, a Europa (MANN, 2009, p. 101).

93

Anteriormente um nacionalista, Thomas Mann tornou-se um defensor de uma nova ordem entre os povos, uma ordem que aproximaria as nações. Nesse contexto, o futuro teria como base uma democracia social. Com o fim da Segunda Guerra, sua decepção com os alemães foi grande, pelo fato de não terem sido eles a derrubarem Hitler. Como sempre advertiu-os em seus discursos, já que tal libertação foi obra dos Aliados, o futuro da Alemanha seria ainda mais duro em sua reconstrução, porém, não se igualava ao tratamento dado aos povos estrangeiros pelos nazistas. Em 08 de novembro de 1945, foi feita a última transmissão de sua série de discursos. Nessa sua fala, fez uma espécie de balanço dos anos de conflito e o que aguardava a Alemanha. Além disso, justificava sua decisão de não viver novamente na terra pátria e de não abrir mão de sua cidadania americana. Isso não se dava por conta necessariamente de qualquer rancor contra o seu povo, mas sim por tudo o que havia construído em seu tempo de exílio.

Esse último discurso demonstra muito mais decepção do que qualquer outro sentimento por seus compatriotas. Mann afirma que, caso uma libertação entre 1933 e 1939 houvesse ocorrido, teria retornado imediatamente para a Alemanha, algo com o que sonhou durante todos aqueles anos (MANN, 2009, p. 218). A trajetória surpreendente do autor de *Pensamentos na Guerra* o levou a uma vida como um romance de formação, que colocou a guerra para Thomas Mann como a doença que, na *Montanha Mágica*, moldou a personalidade do jovem Hans Castorp. A grandiosidade dos acontecimentos da primeira metade do século

XX não poupou o outrora apolítico e o lançou não apenas fisicamente de um lado a outro do planeta. Esses eventos transformaram seu espírito:

O exílio se tornou uma coisa totalmente diferente do que era antigamente. Não é mais um estado de espera orientado para a volta à pátria, mas já alude a uma dissolução das nações e a uma unificação do mundo. Faz tempo que tudo o que é nacional se tornou província. “Atmosfera de prisão”, gritam para mim aqueles que, por nunca terem aberto a boca contra a desgraça que se aproximava, preferiram ficarem casa. Mas isso é um equívoco. Ficar fora do país me fez bem. A minha herança alemã veio comigo. De qualquer forma, não perdi realmente nada da miséria alemã desses anos por não estar presente quando minha casa em Munique foi destruída. Que me permitam o *meu germanismo cosmopolita*, que já era para mim tão natural quando estava em casa, e o posto avançado da cultura alemã que, por alguns anos ainda, tentarei manter com honestidade (MANN, 2009, p. 221).

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.

FEST, Joachim C. **Hitler**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GAY, Peter. **A Cultura de Weimar**. Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HAMILTON, Nigel. **Os irmãos Mann: as vidas de Heinrich e Thomas Mann**. Tradução de Raimundo Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich**. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Terra Mãtria: a família de Thomas Mann e o Brasil**. Karl Josef-Kuschel, Frido Mann, Paulo Astor Soethe; Tradução de Sibebe Paulino. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MANN, Thomas. **Orden del dia**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães! Discursos contra Hitler**. Tradução de Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MANN, Thomas. **Pensamentos na Guerra**. Tradução de Mário Frungillo. *Revista UFG*, n. 8, ano XII, julho de 2010.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Tradução Herbert Caro. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MANN, Thomas. *Consideraciones de um apolítico*. Tradução de León Mames. Salamanca: Capitán Swing Libros, 2011.

MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

PRATER, Donald A. *Thomas Mann: uma biografia*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

STERN, Fritz Richard. *O mundo alemão de Einstein*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.